

25 - w saiu
26 - w saiu
27 - w saiu
28 - w saiu
29 - w saiu
30 - 2^a

A mangueirinha do general

Meu caro Otto:
Disseram-me que você vai aos Estados Unidos antes de voltar ao Rio, e eu lhe recomendo que não demore muito. Isto aqui está tão cada vez no mesmo que acabará ficando irreconhecível. Por exemplo: chegou a primavera, e por esse motivo um senhor magro e calvo, de terno escuro, plantou uma pequena muda de mangueira. Você lhe dirá que isso não lhe interessa, e estará enganado. O senhor em questão é o general Sílvio Pinto da Luz, Presidente do Instituto Brasileiro de Defesa Florestal, que naturalmente comemorava o Dia da Árvore. Acontece que a paisagem de seu bairro, Otto, vai mudar muito, pois a gleba Jardim Botânico, uma grande área entre o Jardim Botânico e o Horto Florestal, foi entregue pelo general em questão ao Banco Nacional da Habitação, que ali construirá 32 edifícios de apartamento. São 140 mil metros quadrados de parque e floresta que serão transformados em edifícios.

O general deve ser um homem de bom coração, pois disse que teve "o objetivo de colaborar para minorar o problema habitacional" e que a "área em questão terá um fim nobre, pois abrigará milhares de favelados e pessoas que vivem o drama do teto". Os botânicos estão todos indignados com a entrega dessa reserva florestal, mas que fazer? Se todas as autoridades tiverem o bom coração do general, é evidente que o Horto será igualmente loteado, e mais tarde o Jardim Botânico, por que não? E por que não aterrar a Lagoa Rodrigo de Freitas para dar mais tetos ao povo? E por que não acabar com a Floresta da Tijuca para plantar café e banana-ouro? Com muito bom coração e um pouco de "senso prático" poderemos chegar a aterrar completamente a baía de Guanabara, fazer paralelepípedos do Pão de Açúcar e do Corcovado e transformar o Rio numa cidade tão chata quanto São Paulo.

Mas não acredito, Otto, que a infeliz decisão do general possa prevalecer. Contra ela se erquem não apenas os botânicos

como até os funcionários burocráticos e os humildes trabalhadores do Jardim Botânico e do Instituto a que o general preside. Ele louvou-se no parecer de um agrônomo qualquer; seu mal foi decidir o assunto na moita, sem consultar sequer o seu ministro. Tive contato com o general Pinto da Luz quando me empenhava para impedir uma transação criminosa em que entravam o Governo do Espírito Santo, a Companhia Vale do Rio Doce e um grupo de vorazes homens de negócios empenhados em derrubar uma pequena e maravilhosa reserva florestal de minha terra. Recebeu-me gentilmente uma vez; mas logo se encolheu em evasivas, passou a dizer que não estava, não me forneceu cópia de documentos que prometera. Não creio que o tenha feito por mal; seguiu a tendência de muitos administradores, principalmente militares, que é decidir tudo em sigilo, fora das vistas da imprensa, no recesso dos gabinetes, sem abertura de um debate amplo e esclarecedor. Para pessoas assim, um assunto de interesse público é tratado como se fosse um plano de campanha, no segredo de um QG, para que o inimigo não venha a saber de nada. Elas não percebem que muitas vezes é aos inimigos do povo que interessa vitalmente esse sigilo, pois é no escuro, pela calada, que eles podem pressionar, compêlir ameaçar, corromper.

No caso atual da gleba Jardim Botânico não há, que eu saiba, interesses pessoais em jogo. Isso não impede que a doação seja um crime contra nosso patrimônio nacional e natural. Se a União quer ajudar a resolver o problema habitacional na Guanabara, não lhe faltam aqui áreas imensas, que dependem de vários Ministérios, principalmente dos militares. Derrubar árvores seculares, algumas valiosíssimas, para dar uma contribuição mínima a um problema que ainda não se equacionou em conjunto, é uma idéia profundamente errada e infeliz e torna esse gesto de plantar uma mangueirinha uma brincadeira de um ridículo tocante. Volte logo, Otto, para nos ajudar a gritar.

RUBEM BRAGA

DIV - 1 - 10 - 65